

## O ASPECTO VOCAL DA ENUNCIÇÃO NA EXPERIÊNCIA DA CRIANÇA NA LINGUAGEM

Marlete Sandra Diedrich<sup>1</sup>

### RESUMO

O aspecto vocal da enunciação, proposto por Émile Benveniste, configura-se tema de reflexão na busca de compreendermos a experiência da criança na linguagem, a qual é vista, neste artigo, como resultado da tríade homem-linguagem-cultura. Para tanto, apoiamos-nos em ideias de Benveniste, as quais favorecem um olhar para a relação homem e linguagem como constitutiva do ser. Nessa relação, encontramos um universo cindido, marcado por descontinuidades: natureza e cultura, som e palavra, semiótico e semântico. Sendo assim, vemos no aspecto vocal da enunciação um elemento de passagem, capaz de unir existências. Essa passagem se dá marcada por valores culturais constitutivos da linguagem e revela um sujeito que advém da enunciação.

**Palavras-chave:** aspecto vocal da enunciação, aquisição da linguagem, cultura.

### ABSTRACT

The enunciation vocal aspect, proposed by Émile Benveniste, configures a topic of interest in the search for the child's language experience comprehension, which is seen, in this article, as a result of the man-language-culture triad. Therefore, we will use Benveniste's ideas, which promote a look towards the relationship between man and language as constitutive of the being. In this connection, we found a cleaved universe, marked by discontinuities: nature and culture, sound and word, semiotic and semantic. Thus, we see in the enunciation vocal aspect a passing by element, capable of connecting existences. This passing occurs marked by cultural constitutive language values and reveals a subject that ascends from the enunciation.

**Keywords:** enunciation vocal aspect, language acquisition, culture.

### O aspecto vocal da enunciação: à busca de uma definição

Este artigo apresenta um dos vieses teóricos que nos move em nossa pesquisa de doutoramento, a qual tem como tema *o papel do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem*. Em nosso trabalho, seguimos princípios teórico-metodológicos propostos por Benveniste acerca de língua, linguagem e cultura, concepções

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: [marlete@upf.br](mailto:marlete@upf.br)

exploradas em praticamente toda a sua obra contemplada nos dois volumes de *Problemas de Linguística Geral*, levando-nos a entender a relação entre essas concepções como uma problemática apresentada pelo linguista, a qual se sustenta na ideia de que o homem se constitui na linguagem e de que, nessa constituição, língua e cultura encontram-se entrelaçadas, configurando-se, assim, a tríade homem, linguagem e cultura, a qual fundamenta nossa proposta acerca do papel do aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem.

Para os fins deste artigo em específico, detemo-nos no fato de que, na constituição da tríade homem, linguagem e cultura, encontramos o homem na vivência de experiências sustentadas por determinados hiatos<sup>2</sup>. O primeiro desses hiatos diz respeito à cisão entre natureza e cultura: todo ser humano surge na natureza, no cumprimento de uma função biológica; mas, para viver no mundo dos homens, necessita apreender esse mundo à sua volta, o sistema de valores que o circunda, a cultura. Isso é tão intenso que não há marcas capazes de evidenciar um momento anterior à cultura na história de vivências do homem. Por essa razão, a partir de Benveniste, entendemos que o homem nasce na cultura. O hiato existe, mas sua existência encontra-se predestinada à superação desse hiato, o que ocorre com o acesso do ser humano, por meio da linguagem, ao sistema cultural que o circunda.

A entrada do homem na linguagem, no entanto, também se dá com o enfrentamento de outros hiatos. Hiato entre semiótico e semântico, entre forma e sentido, entre o puro som e a palavra. Assim, defendemos neste artigo que o aspecto vocal da enunciação desempenha papel de passagem nesse universo cindido, contribuindo para a entrada do ser humano na linguagem e, portanto, na cultura.

Necessitamos, ainda, nessas considerações iniciais, definir “aspecto vocal” no escopo de nossas reflexões. Nessa definição, não encontrada nos artigos de Benveniste, os quais se limitam a referências ao “aspecto vocal”, também nomeado pelo linguista como “aspecto fônico”, somos influenciados pelo olhar de Flores e Surreaux (2012, p.84). Ao discutirem a temática “a voz e a enunciação”, os autores usam o termo “voz” para circunscreverem sua abordagem do “aspecto vocal da enunciação”. Nessa circunscrição, veem a voz como o

---

<sup>2</sup>Apropriamo-nos do conceito de “hiato” a partir da leitura que fazemos de Benveniste, em especial, do texto *Semiologia da língua* (1969/1989, p. 66), no qual o autor afirma que um hiato separa o signo da frase. Logo, entendemos que a criança, em sua experiência na linguagem, vivencia esse hiato.

elemento transversal ao discurso que singulariza cada um na gramática de sua língua e que se revela, portanto, uma via específica de constituição do sentido. Com a influência desse olhar, buscamos no artigo *O aparelho formal da enunciação* (BENVENISTE, 1970/1989) princípios que pudessem nos levar a delinear uma proposta de definição para o termo *aspecto vocal da enunciação*.

Para tanto, retomamos, antes de tudo, o conceito de enunciação proposto por Benveniste (1970/1989), o qual diz respeito ao “colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização”. Esse ato, para o autor, “é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta” (p. 82). Nesse mesmo texto, Benveniste indica a possibilidade de entendermos a realização vocal da língua em relação ao fenômeno geral da enunciação, o que nos leva a destacar a intersubjetividade constitutiva desse ato. A realização vocal da língua, assim, envolve a emissão e a percepção dos sons da língua em atos individuais, o que revela especificidades decorrentes da diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida.

Sendo assim, entendemos ser necessário discutir os conceitos de emissão, percepção e situação, à luz da teoria benvenistiana. Tomemos, inicialmente, o conceito de **emissão**. Entendemos que no artigo em que o termo é referido, *O aparelho formal da enunciação*, ele está relacionado ao fato de o locutor se apropriar dos sons da língua e enunciá-los à sua maneira, o que constitui a subjetividade da enunciação fônica, na qual o *eu* da enunciação se marca. Nessa realidade, a emissão dos sons da língua é também marcada por traços individuais decorrentes das situações nas quais a enunciação é produzida, o que entendemos como a singularidade do aspecto vocal da enunciação. Ao nos voltarmos para a singularidade da situação enunciativa, convocamos o conceito de **percepção**, o qual está em relação de complementaridade com o primeiro conceito. Relacionamos a ideia de percepção à presença do outro, do *tu*, na enunciação, uma vez que, desde o momento em que o locutor assim se declara e assume a língua, “ele implanta o *outro* diante de si” (p.84, grifo do autor). Logo, se há uma singularidade na emissão dos sons da língua, decorrente da subjetividade com que o locutor se apropria dos elementos vocais, entendemos que há também singularidade na recepção desses sons, o que marca a relação de intersubjetividade entre eu-tu. Por fim, voltamo-nos ao conceito de **situação**, referido por Benveniste como o responsável pelas diferenças de cada enunciação fônica do mesmo sujeito que se apropria dos sons da língua. Situação é a instância de discurso em que a enunciação acontece: o

aqui-agora de cada enunciação, definido pela relação eu-tu. Em resumo, ao propor a possibilidade de se estudar a realização vocal da língua como um aspecto da enunciação, Benveniste apresenta uma ideia que vem se opor ao que vinha se fazendo, na época, no universo dos estudos fonéticos e fonológicos, pois afirma que o aspecto referido de um modo geral não é visto em relação ao fenômeno geral da enunciação (p. 82). Ou seja, os estudos em torno da realização vocal da língua mencionados por Benveniste, pautados na Fonética e na Fonologia, buscam, em geral, as regularidades dessa realização. O que propõe o linguista, entretanto, diz respeito às singularidades desse fenômeno, o qual, por essa razão, precisa ser visto como um dos aspectos do grande processo que é a enunciação.

Somente assim, “a realização vocal da língua” referida por Benveniste (p. 82) assume seu estatuto de aspecto em relação ao fenômeno geral da enunciação. Afirmamos isso motivados pela mesma metodologia usada pelo linguista no artigo *O aparelho formal da enunciação* (1970/1989), ao considerar, segundo Flores (2008, p.22), que a língua, como sistema que é, contém um aparelho de formas, cujo uso é dependente da enunciação. Flores (2013c, p. 168) afirma: “Ora, o locutor se apropria da língua, do aparelho formal da língua, para construir com ela um aparelho de enunciação”. Segundo o mesmo autor, “o dito aparelho formal de enunciação não é algo que esteja pronto aprioristicamente” (2013c, p. 168), pelo contrário, ele é construído a cada enunciação, a partir do aparelho de formas da língua. Seguindo esse raciocínio, entendemos que o que se realiza na enunciação fônica é a língua, mas completamente dependente do aqui-agora mobilizado na relação eu-tu, tal qual constata Benveniste (1966/1989, p. 230) quando afirma:

Com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua; com a frase liga-se às coisas fora da língua; e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor.

Por isso, entendemos que o aspecto vocal da enunciação coloca em evidência a realização vocal da língua no discurso, marcada pela subjetividade do locutor que se apropria das unidades da língua e as enuncia à sua maneira na instância enunciativa, na relação intersubjetiva com o outro da enunciação. A instância enunciativa na qual se dá a realização vocal da língua é responsável pelas singularidades que marcam a emissão e a percepção dos elementos vocais na enunciação.

Estando circunscrita a questão terminológica acerca de “o aspecto vocal da enunciação”, passamos, na sequência, a refletir sobre esse aspecto específico da enunciação em relação ao quadro geral que a caracteriza. Partimos do princípio de que os sons da língua apresentam regularidades que os caracterizam no universo linguístico, no entanto, nosso interesse de pesquisa se detém nas singularidades das emissões vocais manifestadas na enunciação. Para tanto, voltamo-nos aos procedimentos que singularizam a emissão e a percepção das unidades vocais da língua, o que coloca em relevo as relações entre semiótico e semântico, língua e enunciação, locutor e sujeito.

Para darmos conta desse raciocínio, apresentamos as concepções benvenistianas que nos dão suporte teórico, relacionando-os à experiência da criança na linguagem. Nosso intuito principal na apresentação desse raciocínio é explicitar de que forma o aspecto vocal da enunciação desempenha papel de passagem entre os hiatos vividos e que relação estabelece na constituição da criança como sujeito do seu dizer, constituição essa considerada por nós como resultado da experiência vivida pela criança na cultura que a circunda.

### **Homem, linguagem e cultura: uma história de discontinuidades**

Já referimos que o ser humano, ao nascer, vive sua primeira cisão: nasce na natureza, cumprindo uma função biológica, mas se constitui homem na cultura que o envolve. Acerca dessa questão, baseamo-nos em Benveniste:

Chamo cultura ao meio humano, tudo o que, do outro lado do cumprimento das funções biológicas, dá à vida e à atividade humanas forma, sentido e conteúdo. A cultura é inerente à sociedade dos homens, qualquer que seja o nível de civilização. Consiste numa multidão de noções e prescrições, e também em interdições específicas; o que uma cultura proíbe a caracteriza ao menos tanto quanto aquilo que prescreve. (BENVENISTE, 1963/2005, p.31, 32)

A cultura, segundo essa concepção, configura-se realidade inteiramente simbólica, definida por representações complexas determinadas por valores como tradição, religião, leis, política, ética. A cultura, para Benveniste, é “tudo isso que o homem, onde quer que nasça, será impregnado no mais profundo da sua consciência, e que dirigirá o seu comportamento em todas as formas da sua atividade” (p.32).

Por ora, faz-se necessário que explicitemos melhor a vivência do hiato entre natureza e cultura na história do ser humano: os animais em geral nascem e se mantêm na natureza, uma vez que não há entre eles um sistema de valores e normas de conduta que possa particularizar sua existência, tudo na vida animal é universal à espécie. Além disso, o animal vive em total liberdade no seu meio, sem nenhuma restrição ou interdição moral ou pautada em um sistema de valores imposto pelo grupo do qual faz parte. Vive, portanto, na natureza. Com o homem, como sabemos, ocorre o contrário. Toda sua existência se dá na cultura. E como isso acontece? Como o homem vive essa experiência de apropriação, se ela se confunde com sua própria existência? Essa apropriação só lhe é possível pela linguagem. E, aqui, encontra-se o princípio defendido quando nos voltamos para a questão do entrelaçamento língua e cultura: toda a existência do homem se dá na cultura, constitutiva e constituinte na e pela linguagem.

Para Benveniste, a linguagem é um fato humano; uma vez que ela “é, no homem, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural e ao mesmo tempo o instrumento dessa interação” (BENVENISTE, 1954/2005, p.17). Em texto de 1963, *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística* (BENVENISTE, 1963/2005), o linguista afirma: “Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido” (1963/2005, p.26). Eis aí para o autor a dupla função do ato de discurso: para o locutor, trata-se da realidade; para o ouvinte, a recriação da realidade. Essa dupla função “faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva” (p.26). Tem-se aí indivíduo e sociedade como termos complementares, ou seja, conforme Benveniste, graças à língua a sociedade é possível e também o indivíduo, pois “O despertar da consciência na criança coincide sempre com a aprendizagem da linguagem, que a introduz pouco a pouco como indivíduo na sociedade” (p.27). Essa questão é central para nossa proposta: não há consciência sem linguagem; não há sociedade sem linguagem. Uma convoca a outra à existência.

E, nessa convocação, situa-se a faculdade de simbolizar, considerada inerente à condição humana. Pensar, portanto, na linguagem implica pensar na sua faculdade simbolizante no seio da sociedade. Em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968/1989), Benveniste reafirma que não encontramos jamais linguagem separada de sociedade, apesar de essas entidades apresentarem estruturas diferentes. Nesse processo, a

sociedade torna-se significante na e pela língua. Para tanto, a língua deve se manter capaz de registrar, de designar e orientar as mudanças que caracterizam o interpretado, ou seja, a sociedade.

Em *Estruturalismo e Linguística* (1968/1989), o autor afirma que o aprendizado de uma língua, por parte da criança, não é resultado de uma faculdade natural, pois, na verdade, o que uma criança aprende quando aprende uma língua é o “mundo dos homens” (p.20-21). E por mundo dos homens, o linguista entende todos os dados que a linguagem traduz, e isso se dá no seio da cultura: quando o homem se enuncia, o faz de forma a imprimir à sua língua valores culturais. Assim, “o que a criança adquire, aprendendo, como se diz, a falar, é o mundo no qual ela vive na realidade, que a linguagem lhe dá e sobre o qual ela aprende a agir” (p.24). Podemos dizer, então, com base nessa afirmação do linguista, que a linguagem dá à criança um mundo. E é nesse mundo dado que ela aprenderá a agir. Por essa razão, língua e cultura encontram-se sempre integradas, constituindo-se com poder de significação. Trata-se do simbólico da língua, por meio do qual a cultura deixa seus traços impressos na língua.

É justamente a faculdade simbolizante que, segundo Benveniste, distingue o homem do animal e é a fonte comum do pensamento, da linguagem e da sociedade. Esse aparato simbólico possibilita a relação entre o homem e o mundo, entre os homens, estabelecendo-se, dessa forma, por meio da linguagem, a estrutura social:

(...) a linguagem se realiza sempre dentro de uma língua, de uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular. Língua e sociedade não se concebem uma sem a outra. Uma e outra são dadas. Mas também uma e outra são aprendidas pelo ser humano, que não lhes possui o conhecimento inato. (BENVENISTE, 1963/2005, p.31)

Com essa afirmação, vemos que, ao assumir o seu papel social, marcado pela cultura do mundo que o circunda, o homem se vê frente a um novo hiato: “a linguagem se realiza sempre dentro de uma língua, de uma estrutura linguística definida e particular”. Portanto, para viver a experiência da aquisição da linguagem, a criança precisará inscrever-se em uma língua.

Sabemos que o diálogo é a condição da linguagem humana; em sua ocorrência, a referência à experiência objetiva e a reação à manifestação se misturam livremente, na vida

em sociedade. A constituição do homem na linguagem convoca à discussão, portanto, o estatuto da intersubjetividade, constitutiva da linguagem. Em *Da subjetividade da linguagem* (1958/2005), Benveniste afirma: “É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (p.285). Com essa afirmação, o linguista apresenta a palavra como atualização da linguagem, condição para garantir a comunicação. E essa condição, segundo o autor, está relacionada à propriedade da subjetividade: “a capacidade do locutor para se propor como sujeito”(p.286), “É ‘ego’ que diz ego”(p.286). E isso se dá via contraste: exige uma alocação, uma vez que só se emprega “eu” dirigindo-se a um outro, a um “tu”. A linguagem, assim, para Benveniste, só é possível em função de cada locutor se apresentar como sujeito, e essa possibilidade encontra no discurso sua emergência: trata-se da “língua assumida pelo homem que fala, e sob a condição da intersubjetividade, única que torna possível a comunicação linguística” (p.293).

Para um locutor se apresentar como sujeito do seu dizer, para ele se apropriar da língua, ele vive a experiência da cisão do semiótico e semântico, conforme proposta de Benveniste: O semiótico designa “o modo de significação que é próprio do SIGNO linguístico e que o constitui como unidade” (1969/1989, p. 64, grifo do autor). Assim, “tudo o que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior e no uso da língua” (1967/1989, p.227). Semiótico, assim, é definido como intralinguístico. E essa é, segundo Benveniste, uma das maneiras de a língua ser língua no sentido e na forma.

Com o semântico, Benveniste reconhece a entrada no modo de significância “engendrado pelo DISCURSO” (p.65). Trata-se de outro domínio e de outra função. No domínio da frase, encontramos a função mediadora da língua entre o homem e o mundo, entre o homem e o mundo. Trata-se de uma relação diferente da anteriormente apresentada: a semântica resulta de “uma atividade do locutor que coloca a língua em ação” (1967/1989, p.230), instaurando-se, assim, a aplicação particular, de tal forma que podemos afirmar que o signo tem o significado como parte integrante, enquanto o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor.

O sentido, portanto, é revelado diferentemente no semiótico e no semântico. O semiótico deve ser reconhecido, enquanto o semântico precisa ser compreendido. Naquele, o sentido se define no paradigma; nesse, se define no sintagma. O sentido, na acepção

semântica, se realiza formalmente na língua pelo agenciamento de palavras, pela relação que elas exercem umas sobre as outras. Além disso, enquanto no semiótico a unidade é o signo, no semântico a unidade é a palavra.

O sentido em semântica é sempre particular, dependente da ideia da frase, definidora do sentido da palavra decorrente do seu emprego. A frase, para Benveniste, “não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante” (p.231). Está condicionada à efemeridade do discurso. Logo, o sentido das palavras é determinado pela instância de discurso. Nessa operação, os signos do repertório semiótico são empregados como palavras, numa verdadeira atualização da linguagem em discurso. Eis a relação forma-sentido implicada na relação semiótico-semântico.

Para tratar do semântico, o autor propõe um novo aparelho: o aparelho formal da enunciação, entendendo a enunciação a partir da seguinte definição: “A enunciação é estecolocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1970/1989, p.82). É a essa experiência particular que Agamben se refere quando defende a sua teoria da infância: “o homem não pode entrar na língua como sistema de signos sem transformá-la radicalmente, sem constituí-la como discurso” (2005, p. 68). É a enunciação dissolvendo a cisão semiótico/semântico, ou, para usar as palavras de Benveniste (1969/1989), o hiato que separa o signo da frase. Entendemos que a entrada na língua via enunciação, portanto, ocorre a partir do aparelho formal da enunciação proposto por Benveniste, o qual envolve índices específicos e procedimentos acessórios. Os índices específicos dizem respeito às categorias linguísticas de pessoa, às de ostensão e às formas temporais. Não nos deteremos na discussão dos índices específicos nesse artigo, por não estarem diretamente relacionados à nossa temática. No entanto, situamos entre os procedimentos acessórios, com base em Aresi(2011, p. 117), o aspecto vocal da enunciação, uma vez que, segundo interpretação do autor, os procedimentos acessórios referidos por Benvenistedizem respeito a “*operações* que o locutor realiza ao se enunciar”. Assim, a mobilização do aspecto vocal é, para nós, uma operação realizada pelo locutor no ato de apropriação da língua, o que nos leva a referir os estudos de Silva & Stumpf (2012, p. 120), os quais veem no termo “acessório” uma derivação da palavra “acesso”, motivando-nos à seguinte reflexão: a mobilização do aspecto vocal garante o acesso do locutor à língua, na vivência da experiência de passagem da pura língua ao discurso, na história de discontinuidades que marca a existência humana na linguagem. É essa reflexão

que apresentaremos na próxima seção, na tentativa de elucidar a especificidade do papel do aspecto vocal da enunciação nessa experiência tão complexa da aquisição da linguagem.

### **O papel do aspecto vocal da enunciação na vivência dos hiatos na aquisição da linguagem**

Temos clareza de que Benveniste não representa um teórico da área da Aquisição da Linguagem, no entanto, encontramos em sua obra princípios que nos direcionam a olhar para a linguagem a partir de uma ciência geral do homem, o que nos permite associar seus princípios com a experiência de aquisição vivida pela criança na linguagem.

Na experiência da aquisição da linguagem, a criança, logo ao nascer, brinca com os sons de forma indistinta, pelo seu balbucio. No entanto, afirmamos anteriormente que não encontramos nunca o homem separado da linguagem. Como explicar, então, o balbucio? A aparente descontinuidade entre som e palavra manifesta-se na experiência da criança na linguagem via aspecto vocal logo no início da vida humana. Essa descontinuidade, no entanto, é apenas aparente, sabemos que o balbucio é abandonado à medida que o som produzido passa a ser semantizado pelo outro. Acerca desse abandono, conhecemos, com Roman Jakobson (1968), uma ampla e rica teorização. Em nossa pesquisa, no entanto, vemos esse fenômeno como resultado da cultura constituinte da língua, a qual se encarrega de filtrar os sons produzidos pela criança, de tal forma que ela passa a produzir apenas aqueles sons pertencentes à língua em uso, os quais servem à mobilização de sentidos autorizados na relação com o outro.

A criança, que, já no berço, anuncia sua voz, é tomada, em geral pela mãe que a ouve, como sujeito do seu dizer, uma vez que a mãe desempenha o papel de acolhida, do outro que acolhe a voz como carregada de sentido, semantiza o que lhe parece faltar, assumindo o aspecto vocal como elemento de engendramento de um discurso que ainda não existe, mas se revela potencial. Nessa concepção, a voz encontra sua acolhida na escuta do outro, revelando que sua significação, na verdade, é dependente do caráter intersubjetivo que a caracteriza.

Assim, o livre jogo do fônico no qual a criança está imersa se reveste, na história de suas enunciações, de sentidos e abandona a liberdade plena do vocal manifestado desde sempre para assumir o vocal de uma língua em específico, com todas as suas restrições impostas pelos valores culturais que a constituem. O aspecto vocal, assim, também tem

dupla função: prepara a entrada da criança na linguagem e atua como mecanismo de engendramento de sentidos no discurso constituído nas relações enunciativas.

Trata-se do que Benveniste aborda ao afirmar:

A linguagem é um sistema simbólico especial, organizado em dois planos. De um lado é um ato físico, utiliza a mediação do aparelho vocal para produzir-se, do aparelho auditivo para ser percebida. Sob esse aspecto material presta-se à observação, à descrição e ao registro. De outro lado, é uma estrutura imaterial, comunicação de significados, substituindo os acontecimentos ou as experiências pela sua 'evocação' (1963/2005, p. 30).

Vemos nessa esfera o aspecto vocal contornando as regularidades do sistema linguístico, o que permite que cada língua seja representada por um conjunto de elementos vocais revestidos de sentidos mobilizados na relação intersubjetiva. Em nossa abordagem, vemos, assim, o aspecto vocal como resultado da singularidade enunciativa, segundo a qual, no dizer de Benveniste:

Os sons emitidos e percebidos, quer sejam estudados no quadro de um idioma particular ou nas suas manifestações gerais procedem sempre de atos individuais, que o linguista surpreende sempre que possível, numa produção nativa, no interior da fala (1970/1989, p.82).

Dessa forma, há, por parte do locutor, um investimento vocal na veiculação de suas emoções. Esse investimento é capaz de subverter o sentido das formas linguísticas, como mostra Jerusalinsky (2009, p. 115):

Na direção de tomar a prosódia implicada no ato da enunciação como aquilo que pode, por momentos, vir a subverter o sentido de um enunciado, evoquemos uma cena frequentemente testemunhada na clínica: a da criança que transgride as normas a todo momento enquanto a mãe diz "não faz, meu filho!" comum tom tão suave, tão suplicante e risonho, que o "não" do enunciado, longe de fazer função de interdição, convoca à permissividade, é um sim.

Embora a autora tenha trabalhado com outros propósitos e outras teorias, observa a especificidade do aspecto vocal na mobilização de sentidos no ato de enunciação,

percebidos pela criança, porque já inscritos em sua linguagem. Para nós, trata-se do aspecto vocal revelando, na relação criança-outro, sua especificidade na mobilização de sentidos particulares, dependentes muito mais da situação enunciativa em si do que das formas linguísticas. Na realidade, o aspecto vocal se revela por meio de procedimentos que extrapolam as formas linguísticas, mas que com elas se relacionam, afetando sobremaneira o seu sentido. Esses procedimentos se dão a conhecer por meio de marcas entonacionais capazes de revelar um ritmo enunciativo específico na enunciação responsável pela construção de sentidos particulares. Acerca dessa realidade da criança, Marcuschi (1997, p. 14-15) afirma:

Se observarmos atentamente a interação da mãe com o nenê desde os primeiros dias de vida da criança, veremos que a mãe se dirige à criança dialogicamente, atribuindo-lhe turnos. Mas a mãe não só constrói turnos à criança, como também atribui (constrói) significados para os silêncios ou sons da criança.

Segundo Marcuschi, a criança, no ato de aquisição, apreende não apenas as formas da língua, mas o emprego dessas formas em situações particulares. Neste artigo, entendemos a expressão usada por Marcuschi, “estilos entonacionais e prosódicos”, como as especificidades do aspecto vocal da enunciação mobilizados pelo locutor, decorrentes, na enunciação da criança, da relação cultural mobilizada com o outro com o qual ela constitui sua experiência na enunciação.

Le Breton (2011, p. 89), ao apresentar seu trabalho *Une anthropologie des voix*, destaca que a criança é livre para usar sua voz e sua linguagem segundo os rituais de seu grupo social, dos adultos que se encontram em seu entorno. Assim, a criança, segundo o autor, adota as modalidades de expressão linguística e gestual daqueles com quem convive. Afinal, é um homem falando com outro homem que encontramos no mundo. Para realizar esse propósito que é tão fundamental para o humano que chega a se confundir com sua própria definição de homem, muito mais do que aprender uma língua, a criança aprende o mundo dos homens. Le Breton afirma que a criança, ao se apropriar de uma língua, torna-se “partenaire actif” (parceiro ativo) dessa língua, ao preço do sacrifício das outras línguas (p.87). Há, portanto, na aquisição da linguagem, uma relação de ausência x presença constante e permanente, desde o nascimento. A descontinuidade continua sua ação historicizante que marca o humano.

Pensar nesse estatuto no ato de aquisição da linguagem nos obriga a pensar na relação da criança com o adulto via discurso, uma vez que é do adulto que provêm a institucionalização do cerceamento pelo viés da linguagem. cremos que dessa forma se constrói a história das enunciações vividas pela criança, o que nos leva a reconhecer o papel do outro, em especial, do adulto nessa caminhada capaz de mobilizar sentidos. Trata-se da indissociabilidade entre o ato de comunicar e a cultura humana, uma vez que toda criança, ao se apropriar do sistema linguístico o faz a partir de valores, entre outros, culturais, já que o ato de falar implica sempre um falar ao outro, com todas as características que essa relação mobiliza.

Uma criança, portanto, desde seu nascimento, antes mesmo de dominar as formas de uma língua específica, mas já em contato com elas, apreende não o mundo concreto à sua volta, mas a representação desse mundo via linguagem, decorrente do ponto de vista do outro que a ela se enuncia. E o aspecto vocal está no centro dessa experiência, uma vez que as modulações de voz da mãe, por exemplo, veiculam sentidos particulares, em alguns casos, até mesmo independentes das formas linguísticas que compõem o dizer materno. Isso só é possível se admitirmos que há uma especificidade no aspecto vocal que chega à criança antes da relação semântica instituída pelas formas linguísticas, mas essa especificidade, obviamente, não é natural, ela é construída nas relações enunciativas que marcam a história da criança. É o simbólico da linguagem se instaurando na experiência da linguagem vivida na aquisição.

O tom de voz, a entonação ascendente ou descendente, os alongamentos de determinados sons, o ritmo, enfim, da enunciação, imprime ao modo de dizer do locutor sentidos específicos que se convertem numa sintaxe enunciativa (FLORES, 2013) capaz de unir, no discurso, duas existências, fato imprescindível para que a criança assuma sua existência na cultura, a partir da intersubjetividade constituinte de sua linguagem. Relacionamos, portanto, o aspecto vocal da enunciação à ideia de **arranjo**, apresentada em diferentes momentos do raciocínio benvenistiano. Em *Estruturalismo e Linguística*, o autor (1968/1989, p. 19) afirma:

Dizer bom dia todos os dias da vida a alguém é cada vez uma reinvenção. Com muito mais razão, quando se trata de frases, não são os elementos constitutivos que contam, **é a organização do conjunto completo, o arranjo original**, então, cujo modelo não pode ter sido dado diretamente, que o indivíduo fabrica.

Ao apresentar essa ideia, o linguista relaciona o fato de o indivíduo fabricar o arranjo original das frases ao problema da aquisição da linguagem, afirmando que a criança, no ato de aquisição da linguagem, utiliza, em partes, estruturas dadas, as quais, de outra parte, são renovadas. Essa questão, em nosso trabalho, é central para situarmos o aspecto vocal da enunciação como parte do arranjo original da frase, o qual se encontra diretamente relacionado à atitude do locutor e à situação de discurso.

Apesar de não termos a pretensão de mapear todos os usos da palavra “arranjo” nos artigos de Benveniste, destacamos algumas referências do termo pelo linguista. Em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1970/1989, p. 103), o termo aparece e novamente permite a associação que fazemos dele ao aspecto vocal da enunciação, como vemos a seguir: “ela (a língua) produz sentido, graças à sua composição que é inteiramente uma composição de significação e graças ao código que condiciona este arranjo”. O “arranjo” citado pelo autor é o arranjo da significação, o qual produz, indefinidamente, enunciações, com a criação de objetos linguísticos introduzidos na comunicação.

Ao entendermos a mobilização do aspecto vocal da enunciação como manifestação do arranjo da significação, compreendemos que o locutor procura afunilar o sentido das formas linguísticas, atualizando-o em relação à situação específica da enunciação, afunilamento que o outro da relação, em seu ato de percepção, também realiza.

Na aquisição da linguagem, podemos dizer assim, com base nos estudos de Silva e Surreaux (no prelo), que o lugar que a criança ocupa em relação ao outro se estabelece, em parte, pelo aspecto vocal, uma vez que o outro semantiza os traços fônicos emitidos pelo bebê ainda no berço, apesar da falta da palavra. A falta da palavra é preenchida pelo outro no quadro figurativo da enunciação em que o *eu* suscita do *tu* uma resposta. Essa resposta é marcada pelo mundo de restrições que compõe a cultura do mundo dos homens, do mundo dos adultos. Nesse sentido, o lugar enunciativo se revela no aspecto vocal da enunciação. Mas isso só é possível em função da relação de reversibilidade que caracteriza toda enunciação e que impele a criança a constituir-se como sujeito da linguagem. Nessa vivência, a criança se constitui, pelo aspecto vocal, como sujeito na história de descontinuidades da experiência humana.

Essa é a experiência da linguagem, a qual não se encerra num determinado período cronológico que poderia marcar, como pensam alguns, o período de aquisição da

linguagem. Essa experiência é vivida a cada vez que o locutor se torna sujeito, em todas as vezes em que o sujeito se apropria da língua e mobiliza sentidos em situações particulares de uso dos signos.

Por essa razão, entendemos *aquisição* como uma experiência de significação, uma experiência de apropriação da língua para conversão em discurso, na qual o aspecto vocal exerce papel fundamental, uma vez que reveste as formas linguísticas de sentidos particulares na instância enunciativa, o que revela a singularidade do sujeito que enuncia. Logo, o sujeito da linguagem é um ser inacabado, o qual se constrói e reconstrói a cada enunciação, na vivência da cisão entre língua e discurso, a cada ato enunciativo, no qual a apropriação da língua de maneira particular da significação revela sua história. Assim, a aquisição da linguagem é concebida por nós como experiência e isso nos afasta de uma visão de aquisição marcada por estágios de desenvolvimento ou períodos cronologicamente definidos. Pelo contrário, ela se atualiza, se reinventa no decorrer da história de enunciações do locutor, mas está sempre presente na linguagem humana.

Com base nesses princípios, apresentamos nossas considerações finais, cujo enfoque está centrado no que de fato entendemos por aspecto vocal da enunciação na história de descontinuidades da experiência humana.

### **Considerações finais**

Ao final deste artigo, afirmamos que os desafios desta reflexão nos impuseram outros novos questionamentos, aos quais almejamos responder no cumprimento do trabalho final em que se constitui nossa tese: como descrever os dados de fala da criança a partir do olhar para o aspecto vocal da enunciação para além da materialidade da voz? Como explicar a relação entre as unidades segmentais dos níveis de análise da língua e sua relação com o suprasegmental que marca as relações de sentido mobilizadas nas vocalizações da criança? Temos consciência de que muito ainda precisa ser desvelado nesse mar de descontinuidades que marca a aquisição da linguagem.

Por ora, somos levados pela certeza de que parte do enfrentamento do desafio se cumpre: vemos a aquisição da linguagem a partir de uma abordagem enunciativa, e, no centro dessa experiência, colocamos o aspecto vocal da enunciação, o qual assume papel de passagem na experiência da criança na linguagem, contribuindo de maneira muito especial para sua entrada no simbólico que torna o homem sujeito do seu dizer, no

cumprimento do que Benveniste viu como essencialmente humano: “a intervenção de um aparelho vocal” (1952/2005, p.65) na constituição da linguagem.

Acreditamos, portanto, que os arranjos do aspecto vocal da enunciação fazem parte da semântica particular característica da linguagem da criança, a qual permite a relação entre o semiótico e o semântico a cada enunciação. A criança, assim, nas relações enunciativas decorrentes da emissão e da percepção dos elementos vocais da língua, inscreve-se na língua-discurso, imprimindo à língua um caráter particular, o que revela, nos arranjos vocais da frase, uma relação direta da criança com a língua, com o outro, com a instância enunciativa.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. Infância e história: ensaio sobre a destruição da experiência. In: \_\_\_\_\_. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

ARESI, Fábio. Os índices específicos e os procedimentos acessórios da enunciação. *Revel*, v. 9, n. 16, 2011.

BENVENISTE, Émile (1952). Comunicação animal e linguagem humana. In: \_\_\_\_\_. (1966). *Problemas de Linguística Geral I*. 5ª. ed. Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. (1954). Tendências recentes em linguística geral. In: \_\_\_\_\_. (1966). *Problemas de Linguística Geral I*. 5ª. ed. Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. (1958). Da subjetividade na linguagem. In: \_\_\_\_\_. (1966). *Problemas de Linguística Geral I*. 5ª. ed. Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. (1963). Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: \_\_\_\_\_. (1966). *Problemas de Linguística Geral I*. 5ª. ed. Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. (1966). A forma e o sentido na linguagem. In: \_\_\_\_\_. (1974). *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

\_\_\_\_\_. (1968). Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: \_\_\_\_\_. (1974). *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

\_\_\_\_\_. (1969). Semiologia da língua. In: \_\_\_\_\_. (1974). *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

\_\_\_\_\_. (1970). O aparelho formal da enunciação. In: \_\_\_\_\_. (1974). *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

FLORES, Valdir. Sujeito da enunciação: singularidade que advém da sintaxe da enunciação. DELTA. *Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* (PUCSP. Impresso), v. 29, p. 95-120, 2013.

FLORES, Valdir & SURREAUX, Luiza Milano. A voz e a enunciação. In.: NEUMANN, Daiane & DIEDRICH, Marlete Sandra. *Estudos da linguagem sob a perspectiva enunciativa*. Passo Fundo: Méritos, 2012.

JAKOBSON, Roman. *Child language, aphasia and phonological universals*. The Hague-Paris: Mouton, 1968.

JERUSALINSKY, Julieta. Prosódia e enunciação na clínica com bebês. In: \_\_\_\_\_. *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo*. Tese (Doutorado) - PUC, São Paulo. São Paulo, 2009.

LE BRETON, David. *Éclats de voix. Une anthropologie des voix*. Paris: Métailié, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo, 1997.

SILVA, Carmem Luci da Costa & STUMPF, Elisa Marchioro. O papel dos índices específicos e dos procedimentos acessórios na enunciação e na metaenunciação da criança. *Desenredo*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 8 - n. 1 - p. 115-143 - jan./jun. 2012.

SILVA, Carmem Luci da Costa & SURREAUX, Luíza. O lugar da voz na aquisição da linguagem. *Revista Nonada*, 2014 (no prelo).